

A PEDAGOGIA DO OLHAR: *FEELING* NO PROCESSO EDUCACIONAL

Rosa Domingues Leite¹
Ana Cabanas²

RESUMO: Este estudo bibliográfico suscita uma reflexão sobre a importância do ensino da Inteligência Emocional na escola na primeira infância, ao considerar de que é no aprender e na arte dos relacionamentos que se constituem forças propulsoras e motivadoras gerando múltiplas possibilidades para a sobrevivência e a construção da relação interpessoal e as habilidades emocionais consideradas essenciais para que as pessoas se realizem na vida. O tema deste trabalho aponta para a pedagogia do olhar como elemento primordial e estratégico a ser desenvolvido no decorrer do caminhar escolar. Ela oferece uma dimensão subjetiva impulsionando o indivíduo a interferir e conduzir a própria trajetória, sendo desde cedo, ensinado a observação, a percepção, a experimentação, sensibilização e enxergar além do visível e do concreto, também por meio do brincar. Entretanto, cabe ao professor, explorar os vários caminhos do tema em questão agregado a uma metodologia diferenciada que contribua para o sucesso. No processo ensino-aprendizagem, e o fomento de estímulos da inteligência emocional aguçando a beleza, o equilíbrio, a leveza e a vontade de aprender a conviver com os outros e consigo mesma.

Palavras-chave: Inteligência emocional. Ensino aprendizagem. Contexto escolar.

ABSTRACT: *This bibliographic study raises a reflection on the importance of Emotional Intelligence teaching in early childhood school, considering that it is in the learning and in the art of relationships that they constitute propelling and motivating forces generating multiple possibilities for the survival and the construction of the relation Interpersonal and emotional skills considered essential for people to achieve in their lives. The theme of this work points to the Pedagogy of the gaze as a primordial and strategic element to be developed in the course of the school walk. It offers a subjective dimension, impelling the individual to interfere and to lead his or her own trajectory. From an early age, he is taught from observation, perception, experimentation, sensitization and seeing beyond the visible and concrete, also through play. However, it is up to the teacher to explore the various paths of the theme in question together with a differentiated methodology that contributes to success. In the teaching-learning process, and the stimulation of emotional intelligence stimulating the beauty, the balance, the lightness and the will to learn to live with others and with oneself.*

Key words: *Emotional intelligence. Teaching Learning. School context.*

¹Licenciatura em Pedagogia, Pós-graduada em Coordenação Pedagógica, Psicopedagogia, Psicomotricidade, Alfabetização, Letramento, Arte e Educação.

²Graduada em Comunicação Social, Pós-graduada em Metodologia Científica e Educação Especial com ênfase em Deficiência Intelectual, Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento Regional e *Doctora en Humanidades y Artes com Mención en Ciencias de la Educación.*

INTRODUÇÃO

As pessoas, ao se situarem no mundo, são intrincadas de competências que necessitam ser lapidadas durante o período de escolarização. A inteligência emocional é um dos elementos importantes de um ser humano.

O Tema Inteligência Emocional, cuja obra é do pesquisador Daniel Goleman, apresenta as recentes descobertas neurológicas justificando-as de que o equilíbrio e o controle das emoções são elementos fundamentais para o desenvolvimento da inteligência emocional das pessoas.

A escola enquanto agente socializador, fora do meio familiar da criança, torna-se o pilar principal para a aprendizagem. A escola, ao oferecer as condições necessárias para que a criança se desenvolva, as experiências de interação internalizar-se-ão oportunizando a aprendizagem assertiva que se pode obter ao fazer os percursos do ir e vir das relações, apropriando-se das experiências humanas, por meio do próprio viver.

O indivíduo, a partir da convivência social do entorno, carrega uma carga de herança cultural que se constrói ao longo da histórica trajetória de desenvolvimento enquanto aprendente pela arte de conviver com os pares.

Ao discorrer sobre a inteligência emocional no processo de aprendizagem de forma ampla e subjetiva é primordial citar os sentidos de maneira mais apurada e aguçada no que tange a subjetividade humana, considerando que o aprender a apreender é uma conexão que se estabelece e se fortalece nos pares entre quem ensina e quem aprende. Neste processo e movimento, cabe o olhar diferenciado do educador atuante e atento nos palcos da vida, ajudando a formar plateias.

Várias experiências de vida e de formação nos mostram caminhos no decorrer da vida, contribuindo cada uma ao seu próprio modo, tornando-se pessoas melhores enquanto o processo de humanização.

Neste sentido, para que o aluno possa ver sentido no que lhe está sendo proposto, é necessário que a metodologia do professor possa fazer a diferença em um espaço de cuidado e educação, planejado, organizado e de experimentação na formação da criatividade e brincadeiras ao ar livre, desenvolvendo a imaginação, a psicomotricidade e a interação, ajudando a formar cidadãos dispostos a transpor os desafios da vida real enquanto sujeitos da própria história.

Por isso, pretende-se neste estudo estimular as relações humanas, desenvolvendo a percepção de que as tarefas no mundo do trabalho são antes de tudo ter perspectivas, aspirações e práticas para que o melhor seja feito enquanto equipe.

1. FUNDAMENTAÇÃO

A ciência no campo educacional, ao longo do tempo, comprova que a inteligência emocional é o elemento fundamental para o equilíbrio pessoal, o desenvolvimento das relações interpessoais, intrapessoais e qualidade de vida de uma forma global.

As pesquisas em questão poderão ser atribuídas aos currículos das escolas das várias modalidades educacionais com intuito de trazer uma abordagem positiva, assertiva e metodológica no âmbito da educação, inferindo a importância de se trabalhar na sala de aula as competências da inteligência emocional contribuindo para o sucesso da aprendizagem do aluno.

A inteligência emocional é característica primordial em uma pessoa. Possuí-la significa favorecer as relações com os outros e consigo mesma, possibilitando a aprendizagem, a resolução de conflitos e o bem-estar pessoal e social. Engendrados por essa tessitura de ideias e relações entre professor/aluno e demais educadores do entorno, pode-se mobilizar e observar interesses, curiosidades, comportamentos, aspectos históricos de vida, conhecimentos prévios articulados com o conhecimento que integram o currículo da escola.

Emoções são sentimentos que se expressam por impulsos e numa vasta gama de intensidade, gerando ideias, conduta, ações e reações. Quando trabalhados, equilibrados e bem conduzidos transformam em sentimentos elevados, sublimados, tornando-se, aí sim, virtudes (GOLEMAN, 1995, p. 126).

Nos primeiros dias de aula, é válido constituir uma afetividade e confiança por meio desta parceria, pois quanto maior for esta interação e comunicação entre os pares, maior será a eficiência e a eficácia para a qualidade pedagógica, para a construção e estabelecimento da inteligência emocional dos indivíduos.

No entanto, para que a criança tenha um desenvolvimento saudável e adequado dentro do recinto escolar e conseqüentemente social, é fundamental que se eduque as emoções e possa tornar-se apto a lidar com os variados tipos de sentimentos como: frustração, medo, vergonha, ciúmes, raiva, insegurança, dor, amor, angústia e aceitação.

As emoções na aprendizagem e nos relacionamentos oferecem condições de educá-las, oportunizando aos alunos para aprenderem a gerenciar os sentimentos proporcionando maturidade como reconhecer os próprios erros, negociar com os outros e aprender a ser assertivo nos propósitos da vida.

A motivação intrínseca do ser humano faz com que os olhos do coração vejam o invisível, que se ouça o inaudível, a estender a mão em direção ao intangível, a ter olhos para luz que jamais se apagará e ouvidos para a canção que não se esmorece. Assim, tanto o mestre aprendiz e o aprendiz, ao caminharem pelo mundo, deixam rastros e fincam raízes fortes para transpor as intempéries do tempo para que possam valorizar a vida, e pelos dedos mágicos sigam pintando a infinita tela dos sonhos.

O jogo libera os sentidos, deflagra mil possibilidades de ver uma certa coisa, aqui e agora, ontem, depois, no infinito; produz escolhas ou recusas; dá sentido; potencializa o indivíduo pela vivência inventada, construída, e pela capacidade, a partir dessa vivência, inferir novas projeções lúdicas vislumbrar novas projeções relacionais (LEAL, 1992, p. 126).

O jogo é primordial no desenvolvimento na primeira infância como forma de desenvolver a imaginação e o pensamento de abstração com grandes possibilidades de absorver e reinventar as experiências vivenciadas no meio, construindo hipóteses e resoluções sobre o funcionamento do mundo que a rodeia, objetivando compreender o entorno e as ações humanas nas quais faz parte no dia-a-dia.

Todo indivíduo fala, ouve, vê, toca, degusta. Ele não se expressa em partes. Ao ouvir uma música, ao desenhar, ao esculpir, [utiliza-se o] corpo, os [...] sentidos, a [...] razão, a [...] emoção, a [...] percepção, a [...] intuição, nos mobilizando por inteiro. (GOMES, 2001. p. 127).

As pessoas aprendem apropriando-se de algo, construindo e se reconstruindo enquanto pessoas com fontes valiosas e com capacidade de aprenderem as diferentes formas de ser, de se ver, de ver e de conviver com os semelhantes, valorizando a vida e os pequenos momentos de felicidades.

Os [...] sentidos são um caminho que [conduz] ao conhecimento. Isto se conseguirá ajudando a criança a mover-se, tocar, cheirar, ver, ouvir, do modo mais completo e com maior liberdade possível, familiarizando-a com a textura, a tonalidade, o movimento, silêncio, ritmo, formas e processo. (PORCHER, 1982, p. 131).

As atividades escolares necessitam ser apresentadas metodologicamente de maneira significativa e prazerosa para requerer o esforço intelectual do aluno no sentido

de apropriação do conhecimento. “A vida, ao se tornar vida viva, transforma-se em um prêmio” (FURLANETTO, 2003, p. 37).

A escola da vida, quando direcionada a um olhar pautado em perspectivas positivas engendradas pelo professor e/ou a família, adquire possibilidade de significação com propriedade, mostrando e clareando os caminhos que irão servir como um remédio, preparar os jovens para enxergar a vida do lado bom, viver e ser feliz.

Assim diante da caixa de ferramentas, o professor tem de se perguntar. Isso que estou ensinando é ferramenta para que? De que forma pode ser usado? Em que aumenta a competência dos meus alunos para viver a [...] vida? (ALVES, 2005, p. 12).

O sentido da vida depende de o próprio ser em busca do crescimento e compreender que isso só depende de si mesmo. Ao entender que o que se faz é em benefício de um conjunto, os pares sairão ganhando, pois todos aprendem juntos acarretando um crescimento pessoal.

[...] aprender a conhecer, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente aprender a ser, via essencial que integra a três precedentes. (DELORS, 2003, p. 90).

Considerando que a vida é uma caixinha de surpresa, é de responsabilidade de o professor aguçar a sensibilidade no que tange a vida e âmago de pessoa de vida ativa que a ação metodológica transcenda a vivência cultural dos alunos, oportunizando-lhes à diversa experimentação de emoções gratificantes e que verdadeiramente venham dar o real valor à vida, transpondo as dificuldades que por ventura possam surgir.

A poesia, que faz parte da literatura e, ao mesmo tempo, é mais que a literatura, [gera a] dimensão poética da existência humana. Revela que habita a terra, não só prosaicamente-sujeito à utilidade e a funcionalidade, mas também poeticamente, destinados ao deslumbramento, ao amor, ao êxtase, que está além do dizível. (MORIN, 2003, p. 45).

“Educados, os sentidos passam a ser habitantes da ‘caixa de brinquedos’. Pelos sentidos educados [se deixa] de ‘usar’ mundo e [se passa] a ‘fazer amor’ com o mundo” (ALVES, 2005, p. 45).

Seria importante que se permitisse na escola que os meios ao menos por algum tempo, fossem os próprios fins das tarefas; que permitisse as crianças e aos professores serem criativos que tivessem prazer estético e conhecessem o gozo da construção do conhecimento. (MACEDO, 1995, p. 10).

Como dizia Durkheim (2003), para aprender e sentir a beleza, é preciso humildade e sensibilidade para querer aprender com os variados movimentos de vida formação, informação e orientação que são apresentados aos seres humanos.

[...] o objetivo da educação não é o de transmitir conhecimento sempre mais numeroso ao aluno, mas o de criar nele um estado interior e profundo, uma espécie de polaridade de espírito que o oriente em um sentido definido, não apenas durante a infância, mas por toda a vida. (MORIN, 2003, p. 47).

A educação na amplitude tem por missão promover informação e transformá-la em conhecimento sobre o que tange a diversidade da espécie humana e também conscientizar as pessoas quantos à semelhança, diversidade e interdependência entre as pessoas.

Quanto mais amplo for o contato com as diversas linguagens, maior será a chance de percepção de mundo. Ao ler o real com diversos instrumentos, mais amplificada será a leitura. Enquanto escola, o educador sensibilizado poderá atingir o educando na educação mais ampla com a arte no que tange à compreensão de experiências humanas numa das formas mais complexas e profundas, enquanto conhecimento humano.

A arte não pode se resumir à proposta de trabalhos manuais e artesanais. Não que isso não possa ser feito, mas é preciso dar um sentido para o trabalho artístico. A arte, esteticamente falando, é a expressão dos mais nobres sentimentos da liberdade humana. A arte é capaz de despertar para a sensibilidade. (CHALITA, 2004, p. 198).

Trata-se de ampliar a responsabilidade da educação para as habilidades sociais e psicológicas, priorizando a afetividade, o equilíbrio, a convivência plural. (CHALITA, 2004, p. 126).

Prazerosamente, o conteúdo será apresentado, as dificuldades virão e serão acolhidas como parte do processo, auxiliando a criança na superação das dificuldades.

É brincando que a gente se educa e aprende. Alguns, ouvindo isso pensam que quero tornar a educação coisa fácil. Coitadas! Não sabem o que é brincar! Brinquedo fácil não tem graça. Brinquedo, para ser brinquedo, tem de ter um desafio. (ALVES, 2005, p. 42).

Em constante atividade do brincar, a criança aprende a colocar-se no lugar do outro, a representar papéis do mundo que o cerca, os quais irão desempenhar no decorrer da vida, bem como desenvolver capacidades físicas, verbais, intelectuais e subjetivas.

A construção da subjetividade deverá ser auxiliada por uma educação consciente e embasada de valores da sociedade de hoje. Sendo assim, a educação poderá ser o eixo articulador entre os novos tempos e a subjetividade a ser construída pelo próprio sujeito, que é o aluno.

O objeto da brincadeira deverá proporcionar que a criança relacione-se de maneira diversificada, criativa no intuito de favorecer as relações com o corpo e o lúdico. A Ludicidade, por sua vez, funciona como um equilíbrio nas angústias do crescer, da autonomia, do desenvolvimento do ser perante o mundo.

O professor – o grande agente do processo educacional. A alma de qualquer instituição de ensino é o professor. Por mais que se invista em equipamentos, em laboratórios, bibliotecas, anfiteatros, quadras esportivas, piscinas, campos de futebol - sem negar a importância de todo esse instrumental - tudo isso não se configura mais do que aspectos materiais se comparados ao papel e a importância do professor. (CHALITA, 2004, p. 161).

O entendimento e assimilação dos acontecimentos que lhe dizem respeito realizam-se pelo reviver em que o ato de brincar e viajar pela imaginação produz e expressa o que ela ainda, enquanto criança pequena, não é capaz de formular pela linguagem, encontrando alternativas para solucionar conflitos da realidade.

[Observa-se] pouca criança, porque para fazê-lo melhor [tem] que [se] recolher no silêncio de quem olha, para ver, de quem ouve para escutar, de quem pode contemplar e admirar o outro, apenas para saber o que pensa ou faz. Para isso, [precisa-se] de tempo e condições para não [se preocupar] demais com aquilo que [se dirá] ou [se fará] a seguir. Um observar, que produz conhecimento, exige uma atividade nada passiva de interpretar aquilo que é dado contemplar. A observação é condição para a arte do refletir. (MACEDO 1994, p. 111).

A educação está imbuída de habilidades e sensibilidades em que uma não tem função sem a outra. As palavras quando são agregadas de sentidos ajudam a ler, a olhar, a sentir e a escutar o mundo de uma forma melhor, sensibilizando os sentidos para apreciar coisas simples, pois o conhecimento ajuda e propicia meios para ter qualidade de vida.

A folha verde que balança ao vento, a borboleta que bate asas, o barulho da chuva, o farfalhar dos pássaros sobre as folhas secas espalhadas pelo chão, as vozes dos animais, o brilho do sol, a claridade da lua fazendo parte, com certeza, das descobertas do indiozinho que há muito mais de quinhentos anos nascia no Brasil (ALTIMAN, 1999, p. 231).

No mundo contemporâneo, a vida é obrigada a correr na velocidade tecnológica. Não se pensa em parar e desprezar os olhos dos conteúdos a serem cumpridos. Não se

tem tempo para bater um papo com os alunos, a trocar ideias, em se conhecerem e reconhecerem as perspectivas e os sonhos.

Aprender a apreciar a natureza que abraça e acaricia com [a] divindade é ser sábio ao interagir com perspectiva de um mundo melhor, sonho é uma coisa que não existe no mundo de fora, mas existe no mundo de dentro. (ALVES, 2010, p. 52)

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica com abordagem hipotético-dedutiva, procedimento funcionalista e caráter qualitativo.

O método de triangulação fez correlação com a teoria golemiana da Inteligência Emocional e a influência do contexto escolar no processo de aprendizagem.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Goleman (1995), o elemento primordial para o desenvolvimento da inteligência emocional na sala de aula é o respeito mútuo pelo sentimento dos outros, e para tanto é preciso que o professor reconheça os próprios sentimentos e possa comunicar claramente como se sente, expressando-os de modo saudável na comunidade que se alicerça com os alunos.

Conhecê-los de acordo com os aspectos afetivos, cognitivos, sociais e emocionais implica uma observação contínua por meio de diálogos com os alunos e as famílias, e uma avaliação contínua dos conhecimentos adquiridos e ainda por uma sondagem dos interesses dos mesmos com atenção às necessidades em que as mesmas possam expressar, pois o corpo fala.

Para Leal (1992), a infância constitui-se em recursos empregados pela criança para conhecer o mundo que o cerca. Os jogos e as brincadeiras favorecem na construção de significados e na assimilação de papéis sociais, desenvolvem o relacionamento afetivo, recriam experiências e a construção do conhecimento.

Para isso, é preciso educar os sentidos estimulando-os, motivando-os e aguçando-os para que se possa tirar proveito das vivências e emoções do cotidiano, olhando a vida de uma forma diferenciada, transformando as experiências em enormes vivências.

Conforme Furlanetto (2003), para que verdadeiramente haja vida pulsando no ser, deve-se deixar que ela fosse emanada de vida viva, capaz de gerar emoções

positivas proporcionando satisfatoriamente um bom relacionamento com os outros, considerando o lado bom das coisas.

A escola deve ser um espaço de acesso a todos os tipos de linguagens (musical, corporal, dramática, plástica e escrita). Ela é um ambiente de experiências enriquecedoras em que a criança poderá expandir as vivências de mundo. Em todas as escolas existem muitos materiais comuns como borracha, lápis de cor, tintas, massinhas e papéis coloridos. Os alunos costumam fazer os trabalhos rotineiros de sala aprendendo a serem operários em fábrica, sem serem preparados e orientados para o intento (ALVES, 2005).

Goleman (1995, p. 14) esclarece que “as aptidões emocionais podem e devem ser desenvolvidas no ambiente familiar e na escola”. Para o mesmo autor, as características emocionais do indivíduo dar-se-ão por meio da genética e solidificam-se no ambiente em que vive. Neste sentido, ao longo da infância, criam-se e se estabelecem elos positivos ou negativos que virão a influenciar futuramente na vida da pessoa adulta.

Ressalta Delors (2003), os quatros pilares da Educação e os quatro princípios norteadores promoverão a educação como desenvolvimento humano, contemplando com os quatros tipos de competência como finalidade da vida e do ser.

A riqueza de sensibilidade e espiritualidade é importante para que o indivíduo consiga por meio do crescimento pessoal e que se faça valer a pena num mundo de hoje tão massacrado e estilhaçado em todos os sentidos, sem tempo de sentir, olhar, escutar e entender o mundo em constante mutação (MORIN, 2003).

O elemento tão necessário que é o de saber viver necessita, além do conhecimento, educar os sentidos, buscando-os por meio da educação, não só escolar, mas de forma ampliada. É essencial transformar o conhecimento em sabedoria, evitando conflitos ou sabendo resolvê-los de forma tranquila, auxiliando-o na educação dos semelhantes, das culturas, da espiritualidade e da afetividade.

A escola tem a responsabilidade de contribuir para uma educação de qualidade, formando pessoas com o objetivo de um desenvolvimento total. Para a formação desta pessoa é fundamental que seja atribuída de inteligência emocional, psicomotricidade, sentido ético e estético, responsabilidade pessoal, solidariedade e objetividade.

Nas atividades das brincadeiras, ao potencializar e concretizar o ato de brincar exercita-se a prática dos quatros pilares da Educação proposta por Jacques Delors

(1996), como forma de desenvolvimento global: ela aprende a conhecer, aprende a fazer, aprende a conviver e aprende a ser.

A alfabetização deve ser a mais ampla possível acrescentando as linguagens verbais e não verbais, objetivando a ampliação da capacidade de comunicação do aluno. Não é somente na arte que o homem exercita o potencial de criar e recriar.

Nesse processo de construção, potencializa-se e agrega-se a referenciais que serão essenciais para o desenvolvimento psíquico e comprometimento do educando e no comportamento na fase adulta. Para tanto, é preciso que os envolvidos possam refletir, observar e escutar quais os benefícios e malefícios que o brincar ou a sua falta estão propiciando.

Goleman (1995) ao suscitar a discussão sobre a Inteligência Emocional, afirma que ela é a maior responsável pelo sucesso ou insucesso na vida das pessoas. As diversas situações de trabalho são imbuídas por relacionamentos entre os pares. Desta maneira, os indivíduos que se apropriaram de qualidades de relacionamento humano como compreensão, que sabe se colocar no lugar do outro, afabilidade, gentileza, que saiba ouvir, falar e enxergar, têm grandes chances de progredir.

Para que esses fatores ocorram, uma das premissas básicas é de que o professor também possa trazer consigo esta propriedade para oferecer com intuito de fazer a diferença por meio de estratégias metodológicas criando e gerenciando aulas prazerosas, criativas, contextualizadas e emocionalmente inteligentes.

O Professor/Educador, ao trabalhar e estimulando os sentidos, ensina os discípulos colocar em prática uma série de conhecimentos, habilidades, sensibilidades, capacidades e atitudes, auxiliando os alunos a enxergarem e compreenderem o mundo com um olhar diferenciado, positivo, entusiasmado, mágico, afetivo e a tomar decisões com autonomia.

De acordo com Gomes, (2001), a escola deverá possibilitar condições às várias formas de movimento e de comunicação e expressão às multiplicidades humanas, servindo de fomento e ampliação nas experiências vividas no meio social, bem como a relação de mundo.

Um ser humano, nos primeiros anos de vida, que foi sensibilizado e estimulado, aprende a enxergar além do que os olhos veem, aprende a distinguir vários sons, aprende a valorizar as pequenas coisas atribuindo-as grandes significados e beleza ao aprender.

Comenta Porcher (1982), a escola ao trabalhar com os sentidos na primeira infância, auxilia o aluno a perceber a complexidade e a diversidade de elementos a serem explorados objetivando uma maior relação e contato com a natureza que está em toda parte, começando por ele próprio na unidade, decifrando os mistérios, contemplando a poesia e a beleza implícitas na vida, na natureza e na natureza das coisas, pois viver é uma arte que implica o ser na totalidade.

Essa busca obrigatória, pelos sentidos na apropriação de conhecimentos, faz com que indivíduo se construa agregando valores como a singularização, sensibilidade e socialização. São processos atrelados ao ser humano advindos da educação vista de forma ampla, em situações realizadas dentro da escola e fora dela.

É por meio das experiências que a criança passa a ter contatos com as várias maneiras de se apropriar dos conhecimentos. Neste sentido, o que se sabe é que pelo movimento de ir e vir da relação de convivência com o mundo, com o outro e consigo mesmo, é que o desejo de aprender se solidifica. No entanto, para que o desejo de aprender se potencialize é necessário algo mais. Não basta que a criança tenha o contato com as disciplinas intelectuais como a linguagem oral e escrita, a matemática e a história da arte.

Quanto mais significativo for o objeto a ser ensinando, melhor será o entendimento e relação com o conteúdo, mas essa metodologia que seria a ideal não é a que predomina nos dias atuais. A educação de forma mais ampla, além do conceito de que é uma rede que se tece pela interação e pela relação que o ser humano estabelece o que se espera da escola é que se possa promover a boa formação do cidadão.

Pensar, planejar e agir na educação é ensinar e aprender juntos, professor e aluno saem no resultado positivo. Entretanto, para estar apto a aprender os movimentos da vida e tudo o que ela proporciona a cada um é preciso que o professor se liberte das certezas e das arrogâncias de que sozinho pode constituir sujeitos melhores em relação aos saberes, à humanização e à singularização.

Para Rubem Alves (2005), os sentidos vão sendo exercitados e educados conforme exigências do meio, onde algumas pessoas se desenvolvem mais que outras. Quem foi estimulado para ter as sensibilidades de ouvir, cheirar, ver, tocar, terá as possibilidades de desenvolver os sentidos de forma ampla.

Entre todos os percalços na base de todos os questionamentos pedagógicos e da realidade de cada um, está a loucura e as atribuições do cotidiano gerado pela globalização. Onde se encontra o desejo de ter em quantidade e não de qualidade do ser.

É necessário que enquanto educador se volte o olhar de percepção naquilo que significa retornar aos valores essenciais do ser humano, da simplicidade, dos pequenos prazeres do cotidiano, de viver e conviver com o parceiro, onde ambos aprendem a serem multiplicadores, realizando com afincamento e prazer o que de melhor sabem fazer.

Ao olhar com a sensibilidade e a beleza da vida quando se busca alternativa na simplicidade para o crescimento pessoal e psicossocial, ele se torna grande, gigante, pois consegue raciocinar de forma inteligente, colocando-se no lugar do outro, agindo não de acordo com o que esperam dele, mas sim de acordo com que ele espera de si mesmo.

Questões como os quatro saberes: aprender a ser, aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver são elementos básicos para a construção da subjetividade em que esta pode e deve ser auxiliada por uma educação de maneira mais ampla, crítica, e consciente dos valores na sociedade de hoje.

No espaço educativo a arte pode e deve ser o momento de aprendizagem, por meio de um acontecer lúdico valorizando o saber-fazer-conhecer-ser e conviver; significa aprender as várias técnicas, possibilitando ao educando em interagir com o meio para que o indivíduo possa de fato interferir e conduzir a própria trajetória, aprendendo desde cedo a observar o contexto social e/ou natural, que o professor tenha uma pedagogia e uma metodologia diferenciada, que estimule o aluno a ler além das frases e palavras, enxergar e não apenas somente olhar, mas saber ouvir o som do mais absoluto silêncio e saber ouvir e falar com os outros que são parceiros de construção.

Ainda na esteira de Morin (2003), a beleza que existe no saber com uma simples história e como num passe de mágica, faz com que a criança transporte-se para o mundo do faz-de-conta, bastando deixar-se conduzi-la por um tapete mágico, por um cavalo branco, por reis e rainhas nos paraísos.

Ao deixar fluir a imaginação, sonha e imagina-se em lugares diferentes da realidade, inventando, criando e reinventando situações. Enquanto as crianças brincam, o que na verdade nos atém a atenção, são as representações e as imitações nos espaços da brincadeira como nos cantinhos da casinha, fantasia entre outras, reproduzindo e

explicitando atitudes comportamentais que evidenciam acontecimentos nos ambientes, seja na casa ou na escola.

Ao transcorrer tais situações, observa-se a espontaneidade dos alunos ao expressar-se nas várias atividades em que trazem como referencial a vivência no âmbito familiar ou escolar.

O educador precisa refletir acerca desta ação pedagógica tão importante que é comungar junto, objetivando o mesmo ideal, rumo à criatividade, à descoberta e à transformação dos eus.

Alves (2005) declara que o brincar é considerado pedagogicamente semelhante ao fazer artístico como atitude lúdica na qual se compreende como uma fase, um processo de prazer e desprazer ao dar sentido à situação, à ação ou ao determinado objeto de brincadeiras.

Ao brincar, a criança amplia o universo com autonomia, organizando em termos de tempo, espaço, personagens e variadas brincadeiras, onde habitam os muitos tipos de sentimentos que envolvem os seres humanos.

Para Macedo (1995), as experiências vividas na primeira infância são constantemente percebidas nas brincadeiras, estas se refletem no modo de como a criança lida com as situações do cotidiano; Chalita (2004) descreve que o professor ao trabalhar com os sentidos auxiliará aos alunos a enxergarem a vida com um olhar diferente, gostosamente, com beleza no saber, um olhar novo e poético.

O trabalho de um cozinheiro, de um engenheiro ou de um escultor, traz em si situações que geram possibilidades criativas para resolver as várias questões, pois o indivíduo que enxerga possibilidades no ato de transformação é aquele que absorve a multiplicidade da realidade em que ao analisá-la e sintetizá-la a transforma dando-lhe outra forma e sentido.

Na contemporaneidade da globalização, a criança diante do que se ofereça a ela enquanto objeto de brincadeira, cujos instrumentos de última geração são aqueles de se visualizar na tela, acionar os vários botões, como os jogos eletrônicos com movimentos isolados e repetitivos em que as mensagens e valores transmitidos são os de destruir com o intuito de vencer, coibindo a criança a não desenvolver as habilidades psicomotoras.

A construção da subjetividade nas crianças envereda nesses moldes em que talvez no amanhã venham se definir tais conceitos constituídos de maneira agressiva,

individualista e egoísta, gerando desrespeito com o semelhante pela falta de valores como: ética, respeito ao outro, saber falar, ouvir e escutar, generosidade e cooperação. Escola é gente, gente é sujeito de infinita grandeza.

Para Chalita (2004), o poder da afetividade diz-se que esta tem grande influência na vida. Pode-se afirmar então que o aluno tem o direito de receber tratamento que o respeite enquanto cidadão e que trate o outro da mesma forma como vem recebendo atenção, ou seja, todas as relações se iniciam a partir do momento em que as limitações de um são respeitadas, o que vem a favorecer o reconhecimento das limitações do outro. A afetividade nas relações deve ser recíproca e permeada em valores verdadeiramente humanos.

Alves (2005) revela que é impossível contestar a importância do brincar, dos jogos e brinquedos objetivando o desenvolvimento e a aprendizagem da criança. Este é um tema de grande seriedade e que vem se destacando nos conceitos pedagógicos e pesquisadores da área educacional, que enfocam o brincar como atividade indispensável enquanto atendimento das necessidades da criança,

De acordo com Macedo (1994), esse processo assim se expressa que os jogos e as brincadeiras não estão relacionados somente com o fato em si de brincar e sim com o desenvolvimento físico, cognitivo, moral e social.

Para Altman (1999), a primeira lição da educação é ensinar a ver e sentir, pois é com estes fatores que as crianças aprendem a ter contato com a beleza e os mistérios do mundo. É preciso que se eduquem os sentidos para que se possa sentir alegria, fascínio e motivação de se estar no mundo.

A beleza do saber torna-se tão profundo quando instigado pelo exercício de se educar transformando-se em sabedoria, trazendo razões para viver. É preciso pensar na questão de educar para a sensibilidade, para valorizar a vida enquanto presente divino, fazendo com que o ser acredite em si e no poder que a natureza tem para capacitá-lo.

A vida é como um córrego que brota na serra, bem pequenino, e que de repente torna-se gigante e pode-se navegar de navio, ou seja, os sentidos são exercitados a comportarem-se de maneira refinada distinguindo uma pessoa da outra. Aquela pessoa que foi educada para ouvir, ouvirá, aquela que não foi, não sentirá na mesma magnitude e proporção em que o outro sente, vê e aprende.

Aprende a ser grande quando se coloca no lugar do outro que sabe articular sem humilhar. Significa que se retorne aos valores essenciais do ser humano dos pequenos

momentos de prazer cotidiano, da simplicidade do viver contribuindo para a realização dos desejos dos sonhos, lapidados de fé com o propósito de sugestões de ideias, fazendo fluir a imaginação e ultrapassar os limites da criatividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar na construção de uma sociedade em desenvolvimento é refletir sobre o que neste momento é mais significativo a fim de solidificar valores, afetos e subjetividades que fazem o diferencial humano nas relações escolares e fora dela no cotidiano.

Por meio desta pesquisa, ao acreditar que essas redes de relações existem e em especial no ambiente educacional, há de se pensar no cultivo das relações interpessoais como aquela dos sonhos onde se espera que uma boa educação seja aquela que propicia elementos enriquecedores preparando o ser humano para a vida.

Nesta perspectiva, verificou-se que por meio da pedagogia do olhar se aprende a ler e a contemplar o mundo quando se faz cumprir a função enquanto aprendiz e mestre. A subjetividade, a afetividade, a inquietação pelo saber ser, conhecer, fazer e conviver busca sentido por meio dos sentidos.

Tais elementos estão intrinsecamente ligados à aprendizagem influenciando de forma significativa na resolução de conflitos a forma de olhar para si e de mais elementos da natureza aprendendo o dom de amar. O ser humano, ao organizar o pensamento, prepondera os sentimentos configurando a maneira de pensar e de agir no mundo.

A apreciação da natureza humana torna-se essencial para a autoestima na vida do aluno. A criança sadia é verdadeira consigo mesma fazendo da melhor forma aquilo que é possível com o que se tem em mãos, assegurando-lhe a integridade enquanto pessoa, trazendo-lhe harmonia, tranquilidade, segurança e paz interior. O que ela pensa e sente em relação a si mesma afetará o modo de olhar, sentir e viver.

Ao sentir-se seguro e competente para gostar de si e lidar consigo e o mundo que o cerca, tem-se a percepção que pode oferecer algo de bom às outras pessoas. O aluno enquanto ser ativo assimila o que o mundo lhe oferece, transforma e é transformado, representando-o de maneira subjetiva.

Os jogos e brincadeiras são formas de entretenimentos prazerosos nos quais estão implicadas vivências de satisfação, alegria, frustrações, prazer e desprazer, os

quais acrescentam uma gama de elementos sobre as experiências de vida, trazendo recursos cognitivos e afetivos auxiliando na construção da autonomia para tomar decisões, resolver problemas e desenvolver o potencial criativo, cada um ao próprio ritmo, mas com os atributos da beleza do saber implicadas no íntimo.

Como se pode observar nos dias atuais, já não se têm os espaços propícios para as brincadeiras, fazendo das crianças, prisioneiras. Na vida real não mais existe o faz-de-conta, pois a vida caminha imposta pelo galopar dos novos tempos movidos pela tecnologia.

Mesmo assim, não se pode esquecer que as relações entre as pessoas precisam existir de maneira autêntica, e que se deve trabalhar enquanto ambiente educador uma maneira feliz, gostosa e bela com metodologia diferenciada, considerando e contemplando a grande tarefa do ser humano que é a pedagogia do olhar.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

_____. **A cabeça bem-feita repensar a reforma; reformar o pensamento.** Tradução Eloá Jacobina. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003

_____. **Ensaio Construtivistas.** São Paulo. Casa do Psicólogo, 1994.

_____. **Ensinar, cantar e aprender.** Música de Marsílio Menezes-Campinas: Papiros, 2010.

ALTIMAN, Raquel Zumbano. Brincando na História. In: DEL PRIORI, Mary (Org.). **História das crianças no Brasil.** São Paulo: Contexto 1999.

ALVES, Ruben. **Educação dos sentidos e mais.** Campinas. São Paulo: Verus, 2005.

CHALITA, Gabriel. Educação: **A solução está no afeto.** São Paulo: Gente, 2001.

DELORS, Jacques. Educação: **Um tesouro a descobrir.** 2 ed. São Paulo: Cortez Brasília DF: MEC/UNESCO, 2003.

FURLANETTO, Ecleide Cunico. **Como nasce um professor?** Uma reflexão sobre o processo de individualização e formação. 2 ed. São Paulo; Paulus, 2003.

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional.** Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 1995.

LEAL, Antonio. **Jogos e invenções para uma escrita política e libertária**. 1992. Dissertação (mestrado). Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro: Mimeo, 1992.

MACEDO, Lino de. Os jogos e sua importância na escola. **Caderno de pesquisa**. São Paulo. n. 93, 1995.

MORIN, Edgar. A noção do Sujeito. In: SCHNITMAN, Dora Fied (Org.). **Novos paradigmas cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes médicas, 1996.

PORCHER, Louis. Educação Artística: **luxo ou necessidade?** São Paulo, Summus, 1992.